

OS ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO TRANSITÓRIO NA COOPAVA

MULLER, Miguel Matias Utzig

miguelmuller@bol.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

TAVARES, João Claudino

jclaudinot@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC / Universidade Federal do Maranhão – UFMA/DECON

AUED, Idaleto Malvezzi (Professor Dr. Orientador)

idaletom@cse.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/CSE

Resumo

Nesse trabalho procuraremos apreender a produção como espaço transitório na Cooperativa de Produção Agropecuária Ltda (COOPAVA). A virtuosidade na organização da COOPAVA, é produzir o espaço transitório por meio dos homens coletivos e conscientes. As ações desses sujeitos humanos estão voltadas para a produção comum e a apropriação comum da riqueza, dando assim, um novo significado à existência humana. Por isso, ao promover a produção e apropriação comum apresentam a crítica ao capital. Trata-se da produção da vida solidária contra o individualismo, pois está em construção um trabalhador que tem a produção da existência como ato de cooperação consciente. Os meios de trabalho convertem-se em patrimônio comum. Nesse processo apresenta a transitoriedade como movimento dialético entre o velho e o novo, são os elementos da latência do velho e do novo, isto como possibilidade da produção da existência para além da relação capital, é a sociedade do vir a ser. Dessa forma, está em construção a Geografia da Transição, pois as contradições da sociedade burguesa que permite formular uma Geografia Crítica, uma crítica para além da crítica do capital.

Palavras-Chave: espaço transitório, assentamento, sociedade burguesa, sujeitos humanos e COOPAVA.

Abstract

In this work we try to understand production as a transitional space in the Cooperativa de Produção Agropecuária Ltda (COOPAVA) - an agricultural cooperative. The virtuosity of the cooperative organization lies in the production of a transitional space through means of collective human efforts and conscientiousness. The actions of these human subjects are aimed at the common production and the common appropriation of natural wealth, thus giving a new significance to human existence. For this reason, the promotion of common production and appropriation presents a critique of capital. This can be summed up as the production of a life of solidarity against one of individualism, as this means that in formation is a worker who has the production of an existence of conscious cooperation. The means of production are converted into a common asset. This process presents the transition as a dialectic movement from the old to the new, this as a possibility of the construction of existences to go beyond the relation of capital; it is for a society to come to be. In this way, the Geography of Transition is in construction, as the contradictions of the bourgeois society that allow a Geography Critique to be formulated, a critique which goes beyond the critique of capital.

Keywords: transitional space; settlement; bourgeois society; human subjects and COOPAVA

INTRODUÇÃO

Nosso tempo se caracteriza pela degeneração das relações sociais burguesas, por isso, a produção da vida acontece a partir de novas formas, de novas organizações e de novas necessidades que se manifestam na existência humana e pelo novo sentido da construção da existência. Trata-se do tempo da manifestação de novas relações cotidianas emancipatórias. Para Aued (2001:57): *“É o MST que me aponta a possibilidade do futuro, quem me indica a possibilidade de se produzir vida coletivamente”*.

O espaço transitório é práxis dos sujeitos humanos¹ que produzem em comum e se apropriam em comum da riqueza produzida. Trata-se da construção do homem coletivo e consciente, pois: *“A minha própria existência é atividade social”*. (MARX, 2004:140).

Nossa questão central é o espaço transitório na Cooperativa de Produção Agropecuária Vista Alegre Ltda (COOPAVA), como elemento da superação da sociedade burguesa, pelo exercício da produção e apropriação comum da riqueza.

As contradições do nosso tempo apontam que é no capital que devemos encontrar como os sujeitos históricos em movimento na COOPAVA produzem experimentos buscando sua emancipação, porque o existente não dá mais conta de produzir a sua existência – o lucro e o salário².

O presente artigo está dividido em três itens. O primeiro item mostra a construção do espaço transitório a partir da degeneração do modo de produção capitalista e dos elementos que apontam para a construção da emancipação humana.

No segundo item, apresentam-se os elementos construídos na COOPAVA pelos sujeitos históricos em movimento. Será abordada a organização de vidas humanas como uma história dos homens que se constrói através da luta e se manifesta como ato histórico como homens coletivos integrados a um contexto social. As suas condições de vida fizeram deles o que são e que produzem os seus meios de existência num lugar através da produção comum e apropriação comum da riqueza, assim procurando negar a relação trabalho-capital da sociedade capitalista.

No terceiro item apresenta-se a materialidade da produção da vida na organização da COOPAVA.

Procuramos apreender os nexos que permitam enxergar na decomposição das relações burguesas os germes da sociedade do vir a ser, mostrando a existência da Geografia em movimento, isto é, a Geografia da Transição, como uma crítica para além da crítica do capital.

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO TRANSITÓRIO

A contradição do nosso tempo e da nossa existência tem sido moldada pela produção da riqueza feita em comum e pela apropriação privada desta. Esse processo é marcado pela valorização da propriedade burguesa em detrimento da desvalorização do homem do trabalho, isto é, pela valorização do capital. Num primeiro momento, a produção da riqueza se fez pela mão dos homens, operários nas fábricas, entretanto com o desenvolvimento da ciência e da técnica a marca do crescimento da riqueza passou a se caracterizar pelo regurgitamento de homens do processo de produção.

Nesse sentido, Marx (2004) observa que com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta, a desvalorização do homem. O trabalhador não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral.

Assim sendo, ao longo da história, o sistema capitalista permitiu a construção de materialidades e elementos que apontam singularidades para um novo tempo, o tempo do homem emancipado.

Pois, a forma burguesa da produção da vida está esgotada para muitos, não sendo mais possível a produção e a reprodução pelo salário e pelo lucro, mas pela produção e apropriação coletiva e consciente da riqueza.

Contudo, implica destacar que a transitoriedade se expressa na apropriação comum e na desumanização do homem enquanto mercadoria, assim apreendendo os elementos da relação além capital na identidade coletiva para a relação além capital na experiência da COOPAVA e do MST. Isso é forjado no processo produtivo, na comercialização, na apropriação coletiva da terra, na cozinha coletiva, na creche coletiva, no lazer promovido na vida dos acampados e dos assentados.

Essa perspectiva apresenta como crítica um novo significado de produção do espaço, o espaço transitório, que se expressa na construção de uma sociedade do vir a ser. Trata-se da transformação da base material da vida a partir da produção cooperada, com novas manifestações e expressões do ser social com suas identidades coletivas. Para Santos (2004:73), o vir a ser da sociedade deve engendrar o cidadão pleno: *“A sociedade ao ser construída deve ser aquela em que todos os cidadãos participem da tarefa da produção coletiva, mas também de seus resultados”*.

No espaço transitório a propriedade privada não poderá ser o elemento que orienta o conjunto das relações humanas; não poderá existir a subordinação do trabalho ao capital; mas sim, como forma de controle da *“necessidade humana ancorada na reprodução social liberta da posse privatiza”*³.

Em certo sentido, para a transição se materializar é necessário que se construa com ações comuns e que ocorra a metamorfose da práxis humana. De acordo com Mészáros (2002:881), a sociedade de transição é *“uma ordem social nova, é a humanidade para si”*.

A emancipação está na satisfação humana e não na satisfação do capital. *“A necessidade ou o prazer perderam, portanto, o caráter egoísta e a natureza perdeu a sua mera utilidade, na medida em que a sua utilização se tornou utilização humana”*. (MARX, 2004:142).

É a passagem do reino da necessidade para o reino da liberdade, como pressuposto da vida e não um critério, uma necessidade da produção da vida, a valorização do homem pela consciência emancipatória e pela conquista da liberdade. Para Marx & Engels (1987,65): *“A libertação é um ato histórico e não um ato de pensamento”*.

Para que a sociedade do vir a ser se materialize é preciso que: *“Em lugar da antiga sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classes”, surja “uma associação onde o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos”*. (MARX & ENGELS,1980:38).

A emancipação humana não é apenas a transformação das leis, mas do sistema social de produção e distribuição das riquezas. Contudo, o ser humano só será livre quando todos os homens puderem desenvolver uma atividade criadora que não esteja sujeita às pressões deformadoras da propriedade privada.

OS ELEMENTOS DA TRANSITORIEDADE NA COOPAVA

A apreensão da organização está na proposta do sistema cooperativista do MST, porém a singularidade da COOPAVA está na livre associação dos sujeitos humanos que buscam a partir da livre associação experimentar a superação da sociedade burguesa. Por isso, que: *“O cooperativismo que nós propomos a construir deve organizar e conscientizar a sua base pra contribuir na transformação da sociedade”* (MST, 1998:11). E também: *“as sociedades cooperativas atuais, elas apenas têm valor enquanto forem criações autônomas dos trabalhadores e não forem protegidas nem pelo governo nem pelos burgueses”⁴*.

Nesse contexto, é significativa na COOPAVA a construção de uma nova lógica em oposição ao velho sistema⁵, embora sua organização contenha ainda reflexos econômicos da sociedade burguesa, pois são as circunstâncias impostas pela sociedade que promovem essa recorrência. Por isso, existe uma constante luta entre o novo e o velho, em *“um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria”⁶*.

A COOPAVA apresenta-se como uma organização do tipo que tem um novo modo de produzir a existência, tem por referência a produção comum e a apropriação comum. Trata-se de sujeitos históricos que se organizam com objetivos comuns. É a união de múltiplas convivências de homens. É o exercício da liberdade coletivamente vivido e do prazer construído em comum, isto é, como desafio e como forma da materialização das relações para além do capital. É a administração da vida social a partir das contradições e utopias individuais que comungam coletivamente para satisfazer as necessidades coletivamente. Depreende-se daí que a vida deve ser construída coletivamente e curtida pela dinâmica do cotidiano, isso em circunstâncias e condições materiais dadas.

É na práxis da COOPAVA que é mostrado que as relações construídas não são apenas fruto das relações de produção e de troca, ou seja, relações econômicas, mas prioritariamente buscam a produção da existência pela valorização do homem. As relações apresentam também o caráter social das forças produtivas. Sobretudo, não existindo o domínio do produto sobre o produtor. Nesse sentido, para Marx e Engels (1987, 65) a libertação é construída como um ato histórico dos homens conscientes e não um mero ato do pensamento, por isso, é: *“efetivada por condições históricas, pela situação da indústria, do comércio, da agricultura, do intercâmbio”*.

Nesse sentido, as ações da COOPAVA revelam no empírico que o conteúdo está na materialidade da produção da vida no coletivo e, conseqüentemente, na produção e na apropriação comum da riqueza. *“Precisamos é formar um mercado alternativo ao mercado capitalista (...) criar um mercado popular e solidário, com produtos vinculados à necessidade do povo”*. (MST, 1998:18).

A figura que segue apresenta a localização da área de estudo no município de Piratini/RS.

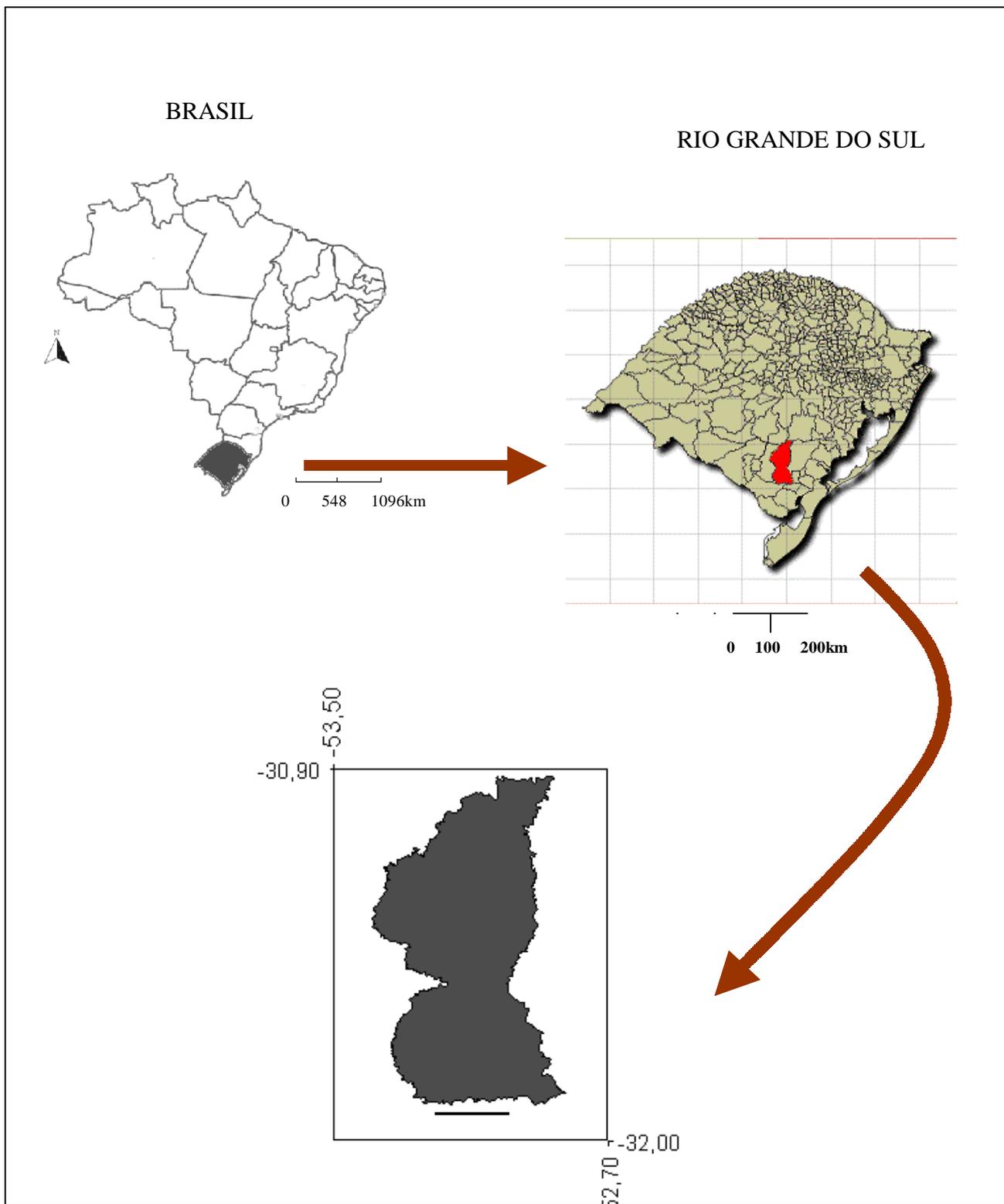


Figura 01 – Localização da área de estudo

FONTE: IBGE. Autores: Everton Vieira. Finalização: Andréa R.B.C.Lopes

É na transitoriedade da COOPAVA que está a construção de experiências coletivas que propõem mudanças no modo de produção capitalista, isto é, uma metamorfose da produção coletiva que passa a engendrar a apropriação coletiva. É uma forma de

produção do vir a ser se fazendo nas contradições do nosso tempo. Os elementos da transitoriedade na COOPAVA estão por um lado, em produzir homens coletivos conscientemente. Por outro lado, as contingências os levam a buscar o lucro, a vender a produção para o mercado, a assalariar-se temporariamente, a lutar por crédito bancário para todos, a organizar a agroindústria e desenvolver projetos de saúde e educação alternativa, no contexto do capital.

Nas ações da COOPAVA manifesta-se a metamorfose do trabalho para a forma de produção e apropriação coletiva da riqueza. Percebe-se que as ações materializadas na COOPAVA revelam práticas do novo tipo e com novos fins, vivenciando embrionariamente na atividade criadora a civilização do prazer e o mundo das delícias humanas. “*O homem do futuro será aquele que incorporar a universalidade da humanidade, e ela só será obtida quando vivermos o mundo da liberdade, o mundo emancipado de todos os obstáculos naturais à vida*” (AUED, 2001:56). Segundo Marx e Engels (1980), para florescer a nova sociedade, esta não pode estar bordada com as flores da retórica sentimental, porém deve dissolver as antigas formas de produção da vida, isto é, não podem estar no trabalho, no lucro e nem na propriedade privada.

Contudo, a emancipação será a resposta da luta comum que brotou da vivência construída por meio da superação das necessidades impostas pela antiga sociedade e dos sonhos construídos coletivamente. As duas formas históricas de produzir a vida, seja pelo próprio trabalho, seja pelo trabalho alheio, mostram que não é mais possível produzir a vida pela desvalorização do homem. Por isso é promovido o conflito entre os produtores da riqueza e a apropriação individual. Assim, a transitoriedade manifesta-se como a combinação dessas duas formas de produzir a vida, pois o objetivo é a valorização do homem e não da riqueza material. Assim sendo, a produção da vida não deve estar mediada na produção da riqueza, mas na valorização do homem. “*Essa solução só pode residir em ser reconhecido de um modo efetivo o caráter social das forças produtivas modernas e, portanto, em harmonizar o modo de produção, de apropriação e de troca com o caráter social dos meios de produção*” (ENGELS, s/d:60): Para isso não há senão um caminho: “*que a sociedade, abertamente e sem rodeios, tome posse das forças produtivas, que já não admitem outra direção a não ser a sua*” (ENGELS s/d:60). Dessa forma, o “*caráter social dos meios de produção e dos produtos, que hoje se volta contra os próprios produtores, rompendo periodicamente as fronteiras do modo de produção e de troca, e só pode impor-se com uma força eficaz tão destruidora como o impulso cego das leis naturais*” (ENGELS, s/d:60).

A virtuosidade da transitoriedade está na produção da vida consciente e coletiva, que é possível pela potencialização das forças produtivas que, por sua vez, materializam-se no germe da cooperação, na bravura, na perseverança e na resistência dos sujeitos humanos em movimento na COOPAVA. Assim, os homens *“donos por fim da sua própria existência social, tornaram-se senhores da natureza, senhores de si mesmos, homens livres”* (ENGELS, s/d:65-66). Engels segue afirmando, como será o vir a ser. *“É o salto da humanidade do reino da necessidade para o reino da liberdade”*. Apontado por (ENGELS, s/d:65-66).

Por isso, a *“emancipação do trabalho exige que os meios de trabalho elavam-se (convertam-se) ao patrimônio comum da sociedade e que todo o trabalho seja regulado coletivamente, com uma repartição eqüitativa do fruto do trabalho”*⁷.

A MATERIALIDADE DA PRODUÇÃO DA VIDA NA COOPAVA

A COOPAVA foi constituída em 1995, por 28 famílias do total de 49 famílias do Assentamento Conquista da Liberdade no município de Piratini (RS).

A produção da vida na COOPAVA é organizada em setores de produção e núcleos de educação e de lazer.

A COOPAVA se organiza em três linhas de produção que são consideradas prioritárias pelos associados: a produção do pêssego, considerado o principal produto para o mercado, são cultivados em torno de 15.000 pés de pêssego. A outra linha prioritária é produção do frango branco e do frango caipira, sendo este último, o mais novo experimento da COOPAVA. E a outra linha de produção é o leite ecológico. O leite é considerado ecológico porque as vacas não recebem acompanhamento de vacinas e de ração comprada. A forma de prevenção de doenças usada é uma mistura de ervas, segundo determinação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) de Pelotas (RS).

A produção é considerada ecológica porque é proibido fazer uso de qualquer produto químico ou agrotóxico na produção. Como forma de repor os nutrientes ao solo, se usa a compostagem. Trata-se da misturas de folhas e capim com o esterco de porco, de gado, de ovelha e de aves da própria COOPAVA.

A maior parte dos produtos é vendida no mercado de Piratini, Pelotas e Pinheiro Machado. Uma parcela menor é vendida nas feiras promovidas pelo MST e outros movimentos sociais organizados em Rio Grande, Pelotas, Capão do Leão, Piratini, Bagé, Santa Maria e Pinheiro Machado. Não obstante, é promovido o sistema de trocas de produtos nos encontros do MST.

Além desses tipos de produção, também é cultivada uma horta. São criadas também ovelhas, suínos e peixes.

A cozinha coletiva representa a divisão das tarefas de cozinhar e fazer pão, através da atividade de três mulheres escolhidas mensalmente nas reuniões. Cada família da COOPAVA faz a encomenda do número de refeições necessárias para cada dia até às 7:30 horas. A distribuição é feita em marmitas e a encomenda do pão é feita de três em três dias.

Uma forma diferenciada de organização se relaciona também a terra, isto é, a terra é de uso coletivo, os associados recebem uma carta de anuência como forma de provar no banco a sua condição de assentado. Nessa relação, a terra está sob o domínio da COOPAVA, pois esta é usada coletivamente pelos associados. As decisões do tipo de cultivo e da área destinada a cada produto são definidas em reuniões pelos associados.

O terreno de 20x40 m² onde fica a residência dos cooperados é de domínio individual da família, ficando sob responsabilidade de cada associado definir a forma de organização desse espaço. Geralmente, esses terrenos são cercados por tela. A maioria das casas é de alvenaria e são divididas em 2 quartos, sala, cozinha e área de serviço.

As casas são organizadas em forma de agrovila. No centro da agrovila há um pequeno parque de brinquedos para as crianças; um campo de futebol e uma cancha de bochas para o desenvolvimento do lazer e da integração dos associados.

Nessas circunstâncias, a COOPAVA passa a representar a negação do capitalismo. É a substituição da propriedade privada, pois a terra passou a ser de uso comum dos associados.

Uma prática usada pela COOPAVA é a do banco de horas de trabalho. Para alguns associados é a forma mais avançada e justa de relacionamento encontrada por eles. Porém, existem os associados que não concordam com essa prática. Acreditam que a distribuição não é justa, porque nem todos conseguem somar o mesmo número de horas semanais, face aos diferentes setores de produção e sua relação com as condições climáticas.

Na práxis da COOPAVA constata-se que a remuneração do trabalho é uma das formas da produção da vida e também da discórdia entre alguns cooperados, pois a prática do banco de horas de trabalho não seria a remuneração justa, segundo os cooperados. Isso se deve em face dos diferentes setores e núcleos produtivos, pois a intensidade do trabalho varia de setor para setor e do número de trabalhadores por família. Além disso, os responsáveis pelo trabalho na lavoura em tempo de chuva conseguem acumular horas de trabalho, assim sentem-se prejudicados em relação aos

responsáveis pela secretaria, produção leiteira, produção de frangos, entre outros. A partir dessas reações, podemos observar que a conexão de alguns cooperados ainda é o capital e não a produção e apropriação comum da riqueza. Para o cooperado (T.M.), a COOPAVA é: *“uma experiência que tá se construindo. Nós percebemos assim que: quem trabalha no coletivo tem melhor qualidade de vida. Por essa questão da solidariedade, companheirismo, da educação e dos valores da educação dos nossos filhos; a cooperação é mais que produzir coletivo”*.

Atualmente, a COOPAVA é constituída por 18 famílias que continuam a produção e a apropriação comum da riqueza.

Percebe-se que na organização da COOPAVA está em construção uma nova prática; novos princípios de organização e de produção da vida, como a substituição da propriedade individual e capitalista, que se caracteriza pelos produtores e apropriadores comuns da riqueza produzida. Assim, são construídas consciente e coletivamente novas condições de desenvolvimento da vida, desde a terra até trabalho, como também, a cozinha e a divisão eqüitativa dos ganhos auferidos com o trabalho.

Acima de tudo, a construção do espaço transitório na COOPAVA não está na produção da riqueza material e nem na recriação do ser mercantil. Ela se materializa na forma da união de homens que produzem homens livres e conscientes. Por isso, não se trata da produção dos homens que se organizam em função da sua existência pelo lucro, pela renda da terra, pelos juros e pelos salários.

Tanto pelos princípios do sistema cooperativista do MST quanto pela organização da COOPAVA em questão, percebemos o ideário de uma nova forma de produção da vida dos homens que não se conseguem desprender totalmente da materialidade do velho. Ainda sim, este ideário não parte da crítica ao velho. Aliás, não poderia ser diferente porque os homens organizados na COOPAVA são materialidade das contradições da forma burguesa de produção da vida. Nesse sentido, vale sempre lembrar o escrito de Marx (1975, 33) segundo o qual:

A filosofia, pelo seu próprio caráter, nunca deu seu primeiro passo para trocar o hábito ascético de padre pelo vestido ligeiro convencional dos jornais. Só que os filósofos não crescem como os cogumelos, são frutos da sua época, do seu povo, cujos humores mais subtis, mais preciosos e menos visíveis circulam nas idéias filosóficas. É o mesmo o espírito que edifica os sistemas filosóficos no cérebro dos filósofos e o que constrói os caminhos-de-ferro com as mãos dos operários. A filosofia não está fora do mundo, tal como o cérebro não é exterior ao homem, ainda que não se situe no seu estômago; mas é certo antes de tocar o solo com os pés, desde há muito tempo, os pés bem assentes na terra, e com as suas mãos colhem os frutos do mundo, antes de pensarem que a ‘cabeça’ também faz parte deste mundo, ou que este mundo é o da cabeça.

Sobretudo, a produção da riqueza material é parte integrante da cota parte da produção da mais-valia social e de homens burgueses. Não obstante, é, ao mesmo tempo o escancaramento da impossibilidade dos homens se reproduzirem, no nosso tempo, através do fetiche na relação trabalho salário.

Assim, a transitoriedade na COOPAVA não está exatamente na produção de mercadorias. Ela se apresenta na forma de união de homens para produzirem homens conscientes. Não é a produção de homens para viverem de lucro, de renda da terra, de juros e de salários. Os homens da COOPAVA são manifestação do regurgitamento de homens da sociedade burguesa. Nisto aparece consistir a virtuosidade da produção da existência da vida na COOPAVA.

É significativo observar, portanto, que a virtuosidade da COOPAVA está em construir elementos que apontam para a emancipação a partir da práxis coletiva de todas as ações, de atividades produtivas, de lazer e de educação desenvolvidas democraticamente. Para o MST existe um desenvolvimento das forças produtivas para se libertar da ordem anterior, por isso: *“Mostram como a um certo nível de desenvolvimento das forças produtivas materiais e das formas sociais de produção que lhes correspondem, se constitui um novo modo de produção e se liberta naturalmente do anterior”*. (MST, 2000:18).

REFLEXÕES FINAIS

As contradições do nosso tempo evidenciam que é na degeneração das relações mediadas pelo capital que devemos encontrar como os sujeitos históricos em movimento da COOPAVA produzem os elementos que buscam a sua emancipação.

Por isso, a transitoriedade requer que o homem produto de sua história se torne proprietário da história que faz, assim construindo o ser social; um homem histórico consciente de suas ações. Se o homem é formado pelas circunstâncias, o que é preciso formar as circunstâncias humanamente possíveis para a sua emancipação.

Na COOPAVA as virtuosidades do germe desse novo homem estão na produção comum e na apropriação comum da riqueza, por isso, trata-se de uma relação para além do capital.

Concebe-se, conforme o exemplo, que podemos pensar o mundo além da lente do cotidiano, mas o cotidiano como uma forma de desvelar, a partir dos elementos materializados no espaço transitório a existência de sujeitos humanos. É o desvelar de uma nova aurora, que se potencializa como singularidades na COOPAVA, enquanto uma nova forma de produzir a vida consciente e coletiva.

A transição é o movimento que não se sabe para onde caminha, pois é um experimento; é a forma singular de produzir a vida; é a transição dos homens reais.

Nesse sentido, na COOPAVA a transitoriedade está na construção do homem coletivo e consciente. Trata-se da produção da vida solidária contra o individualismo, isso através do trabalho como ato consciente, onde os meios de trabalho se convertem em patrimônio comum.

Marx e Engels (1980) enfatizam que, para florescer a nova sociedade, esta não pode estar bordada com as flores da retórica sentimental, porém, deve dissolver as antigas formas de produção da vida que pode estar no trabalho, no lucro e nem na propriedade privada da terra.

Por fim, a virtuosidade da práxis dos sujeitos históricos, em movimento organizados na COOPAVA, está em mostrar na empiria a existência de uma metamorfose de uma Geografia em movimento, que é a Geografia denominada de Geografia da Transição, engendrando a crítica para além da crítica do capital, isto é, a superação do capital como produção da vida.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, David. **História do município de Piratini** – roteiro histórico e sentimental. 2. ed. Piratini: C.E.A.J. 1997

AUED, Idaleto. Marxismo e Geografia. In: **O ensino da Geografia no novo milênio**. Chapecó (SC): Argos, 2001. pp. 13-58.

AUED, Idaleto; GRADE, Marlene. Sistema Cooperativa dos Assentados do MST: dilemas e avanços por uma produção. In: **Desafio**. Revista de Economia e Administração. Universidade Federal de Mato Grosso Sul. 2000. pp. 5-20. v. 2. n. 3.

COCEARGS. **Cooperativa Central dos Assentados do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: MST, 1997.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Editora Moraes, s/d.

LEFEBVRE, Henri. **O fim da história**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971.

MANDEL, Ernest. **O lugar do marxismo na história**. São Paulo: Xamã, 2001.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. Editorial do nº. 179 da 'Gazeta De Colônia'. In: MARX, Karl, Friedrich. **Sobre a religião**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1975

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: CHED, 1980.

_____. Observações à margem do programa do partido operário alemão. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Editora Alfa Omega, s/d. v. 2.

_____. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MÉSZÁROS, István. **O século XXI: socialismo ou Barbárie?** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial/UNICAMP, 2002.

MST: **Sistema Cooperativista dos Assentados**. Caderno de Cooperação Agrícola. Nº . 5. São Paulo: MST, 1998.

MST: **nossa força desperta da nossa dedicação**. Caderno de Formação Nº . 13. São Paulo: Secretaria Nacional, 1987.

MST: **a encruzilhada do desenvolvimento econômico dos assentados**. São Paulo: CONCRAB, 1998.

MST: **o Cooperativismo no Pensamento Marxista**. Cadernos das Experiências Históricas da Cooperação. São Paulo: CONCRAB, 2000.

MST: **a emancipação dos assentamentos e os cuidados que os assentamentos devem ter**. Caderno de Cooperação Nº . 6. São Paulo: CONCRAB, 1998.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **Territorio e sociedade**. Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Hucitec, Nobel, 1985.

WOOD, Ellen. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Notas:

¹ Cf. Santos (1985, 22): O espaço é “considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade”.

² São homens que não podem mais se reproduzir pelas relações mediadas pelo capital, ou seja, não podem mais se reproduzir pelo lucro e nem pelo salário.

³ MARX, Karl. Manuscritos econômicos-filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 15.

⁴ O Cooperativismo no Pensamento Marxista. In: MST: Cadernos das Experiências Históricas da Cooperação. São Paulo: CONCRAB, 2000. p. 18. n. 2.

⁵ Consideramos como velho sistema as cooperativas tradicionais desenvolvidas a partir da década de sessenta, que tinham como proposta minimizar a subordinação ao capital e aumentar o acesso ao mercado.

⁶ SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Edusp, 2004. p. 41.

⁷ MARX, k.; ENGELS, F. Observações à margem do programa do partido operário alemão. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Editora Alfa Omega, s/d. p. 211. v. 2.

Recebido em abril/2005
Publicado em junho/2005